



CARTA DO 1º ENCONTRO CONJUNTO DO COLETIVO VALENTE E DO COLETIVO DE NEGRAS E NEGROS DO JUDICIÁRIO CATARINENSE

O 1º Encontro Conjunto do Coletivo Valente e do Coletivo de Negras e Negros do Judiciário Catarinense, promovido pelos respectivos Coletivos e pelo Sindicato das Trabalhadoras e dos Trabalhadores do Poder Judiciário de Santa Catarina – **SINJUSC**, realizado nos dias 12 e 13 de setembro de 2025, na sede do Sinjusc e no Associação dos Remanescentes do Quilombo Vidal Martins – Florianópolis/SC, reuniu 90 pessoas, entre coletivos, direções sindicais, movimentos sociais, entidades e lideranças políticas. Com o tema “**Tramas interseccionais: tecendo fios de tempo, vida e resistência**”, debatemos o trabalho e dialogamos sobre as estratégias de luta da classe trabalhadora, a partir da interseccionalidade, vislumbrando o horizonte que guia nossa caminhada Sindical.

A sociedade capitalista tem como cerne a exploração do trabalho. A força de trabalho é a única mercadoria da classe trabalhadora e ao vendermos essa mercadoria, vendemos nosso tempo de vida. Passamos o maior tempo de nossas vidas trabalhando, e dentre as políticas de austeridade, a contra-reforma trabalhista de 2017 e as sucessivas contra-reformas previdenciárias, nos empurram para trabalhar cada vez mais. A exploração do trabalho, se sustenta também, nas opressões, que permitiram inclusive a consolidação do capitalismo enquanto sociedade. Foi a partir do trabalho escravizado no colonialismo que a grande indústria se forjou na Europa. Foi também com base no trabalho não remunerado da mulher que se criaram condições de materialização do capital.

Tais elementos são centrais para compreendermos os aspectos da nossa história enquanto classe, e também da formação social brasileira. Mas, importante também, localizarmos o trabalho na atualidade, visto que o advento da tecnologia com a promessa das várias facilidades que poderiam reduzir o tempo de vida entregue ao trabalho, mostra justamente que o modo de produção capitalista é incapaz de parar de explorar, pois é a exploração a sua base fundante. Nesse sentido, nosso trabalho é intensificado dentro da própria jornada e para além dela, pois as fronteiras foram



rompidas com a comunicação acelerada, e processos cabendo em smartphones. Diante dessa conjuntura, a pauta da redução da jornada de trabalho nos parece um horizonte a ser perseguido enquanto trabalhadoras e trabalhadores, enquanto classe.

Quando trazemos o debate para o nosso campo de atuação nos vemos produzindo mais dentro das nossas jornadas de trabalho, produzindo mais e para além da nossa jornada de trabalho, diante de um relógio que continua rodando e um tempo que passa conectado, nunca nos desligamos e adoecemos. Isso porque, o Judiciário tem-se vinculado cada vez mais a política de metas e a gamificação. Busca-se atingir números para que selos sejam alcançados, sem necessariamente considerar a qualidade desse serviço público prestado. O que observamos na prática, é um abismo de desigualdades, onde a interseccionalidade se reproduz também no acesso ao sistema de justiça para quem dela necessita. E, nessa esteira compressora da sobrecarga, distância nós trabalhadoras e trabalhadores desse serviço, do sentido do nosso trabalho. Por isso, no inverso dessa trama, queremos tecer a democratização do acesso ao sistema de justiça.

Assim a redução da jornada de trabalho nos aparece como pauta central, também, levando em consideração a necessidade de termos condições de trabalho para prestar um serviço público de qualidade, pois queremos sim a sua democratização. Além disso, pautar o trabalho com base na redução da jornada é reivindicar nosso tempo de vida.

Dito isso, reunidas e reunidos nesse Encontro, nós Coletivo Valente e o Coletivo de Negras e Negros do Judiciário Catarinense, firmamos nosso compromisso em conduzir nossa atuação com o Sinjusc e enquanto Sinjusc, disputando a tecnologia para que ela favoreça o nosso tempo para ofertamos um serviço público de qualidade, e disputando nosso tempo para que exista vida além do trabalho, cabendo espaço para a alegria. Uma alegria que não seja criminalizada, como o foi historicamente. É para que caiba a alegria à toda a classe trabalhadora.

Firmamos esse compromisso, compreendendo nossa realidade a partir das Tramas Interseccionais, que já tem nos permitido causar fissuras, fissuras que nos deixam como horizonte um outro projeto de sociedade.



E nossa coletividade, essa que estamos construindo aqui nesse sábado de sol em um território quilombola..... essa coletividade que temos construindo diariamente em nosso Sindicato, já é sementeira pra esse mundo possível, então aqui, firmamos o nosso compromisso de juntos seguirmos essa caminhada.

A sociedade que queremos, tem lugar para que todas as pessoas sejam autênticas na diversidade e em nossas alegrias. Os nossos coletivos, junto de nosso Sinjusc, já tem sido lugar para que todas e todos nós sejamos autênticas/os em nossa diversidade e em nossas alegrias.

E é esse Sinjusc que nossos Coletivos pretendem continuar construindo. Um Sinjusc diverso, de todas/os, com todas/os, por todas/os, resistindo e tecendo fios de tempos melhores, tramando uma vida digna para todas as pessoas.

Por fim, encerramos nosso Encontro, e por meio desta carta, manifestamos também, nosso compromisso no apoio e na luta pela Titulação do Quilombo Vidal Martins, essa terra ancestral, que estivemos no dia de hoje.